

Mitos e Narrativas Sobre o Cangaço na História e no Cinema ¹

Elizabeth Oliveira Amorim MORAIS²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

Resumo

A imagem do cangaceiro foi sendo elaborada e reafirmada durante décadas. Vários foram os meios utilizados para contar e recontar a história desses personagens históricos. Podemos citar como exemplo, cordéis, livros, peças teatrais, séries de TV, documentários e filmes. Todos eles, com uma maior ou menor intensidade, contribuíram para construir uma determinada imagem do cangaceiro. Neste trabalho discutimos como as narrativas sobre o cangaço, presentes no cinema nacional, dialogaram com a história e como essas narrativas contribuíram para a construção de estereótipos e representações, muitas vezes mitificadas, sobre os cangaceiros.

Palavras-chave: cinema; cangaço; Lampião; historia; mito.

1 Mito: definição, estrutura, função e aproximação com a historia

Seria difícil encontrar uma definição do mito que fosse aceita por todos os eruditos e, ao mesmo tempo, acessível aos não-especialistas.

Mircea Eliade

Por ser algo complexo e que pode ser visto por múltiplas perspectivas e abordagens a palavra “mito” torna-se algo bem difícil de ser definido a partir de um só conceito. Mircea Eliade (1991) nos fala sobre essa dificuldade em se chegar a um consenso em relação ao conceito. Entretanto, ele nos diz que a definição mais aceitável em sua opinião, por ser mais ampla, seria aquela em que diz que

(...) o mito conta uma história sagrada; [...] retrata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. [...] o mito narra como graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – PPGCISH/UERN. Professora da Rede Estadual de Ensino Básico do RN. Tutora do Curso de Mídias na Educação – NEAD/UERN. Membro da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço – SBEC. email: bethiamorm@hotmail.com

realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie de vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. (ELIADE, 1991, p. 11)

Uma narrativa sobre o começo de tudo, com ligações com o sobrenatural e o sagrado/divino. É assim que Eliade (1991) nos fala sobre mito. No entanto, ele também nos informa que apesar dessas características estarem sempre presentes nos mitos, as narrativas que o formam não podem ser confundidas com “ilusão” ou “mentira”, pois o mito sempre refere-se a uma realidade, tornando-se “o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas” (ELIADE, 1991, P.12). Desse modo o mito é, antes de tudo, uma história considerada verdadeira e que fornece parâmetros para a vivência humana da realidade.

Nesse mesmo sentido Campbell (p. 17, 1990) nos fala em mito como algo que dá sentido à existência humana, isto é, “(...) o mito o ajuda a colocar sua mente em contato com essa experiência de estar vivo”. E, parte dessa experiência, está no fato de que ao entrar em contato com os mitos podemos chegar ao nosso interior numa busca de reconhecermos a nós mesmos. Segundo esse autor

os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo. Mas há também mitos e deuses que têm a ver com sociedades específicas ou com as deidades tutelares da sociedade. Em outras palavras, há duas espécies totalmente diferentes de mitologia. Há a mitologia que relaciona você com sua própria natureza e com o mundo natural, de que você é parte. E há a mitologia estritamente sociológica, que liga você a uma sociedade em particular. (CAMPBELL, 1990, p. 37)

Desse modo os mitos servem para nos religar ao nosso ser interior e, também, para nos conduzir a um relacionamento com o mundo do qual nós fazemos parte. É através dos mitos que buscamos respostas para explicações que nem sempre podem ser dadas pela ciência. É através desse “pensamento selvagem” ou “primitivo” que somos conduzidos a um desejo de compreender o mundo que nos envolve, a natureza e a sociedade em que vivemos (LÉVI-STRAUSS, 2007).

Sobre a estrutura que esses mitos têm a maioria dos estudiosos do mito concorda em dizer que eles possuem uma mesma estrutura básica, mudando apenas os conteúdos que são apresentados. Como afirma Lévi-Strauss (2007, p. 53) “a sua *estrutura* básica é a mesma, mas o *conteúdo* da célula já não é mais o mesmo e pode variar”. Podemos citar como exemplo as histórias sobre a criação do mundo. Elas repetem-se em diversas culturas

seguindo uma mesma estrutura e diferenciando-se apenas na forma como são conduzidas as narrativas. Além disso, outro aspecto que deve ser considerado em sua estrutura é a repetitividade das histórias, isto é, “o mesmo tipo de elemento pode ser utilizado diversas vezes na explicação de vários acontecimentos. (...) encontramos os mesmos elementos mitológicos combinados de infinitas maneiras (...)” (LÉVI-STRAUSS, 2007, p. 54).

Vemos, dessa maneira, que os mitos são parte fundamental da experiência humana, que busca neles uma compreensão maior de sua função no mundo. Ao longo da história da humanidade podemos perceber que o homem sempre esteve ligado ao mítico, ao sobrenatural, ao mágico. A partir desse “contato” com o transcendente o ser humano criou e passou a contar histórias de heróis, sagas e cosmologias para lidar com o desconhecido e através de sua narração organizar seu contexto, constituir sua identidade, ter um entendimento dos processos da natureza, de sua origem e da origem do lugar em que vive. Os mitos dão sentido à ordem do mundo que não pode ser explicada pela razão. Ou, como diria Campbell (2008, p.34), “a primeira função da mitologia [consiste em] incutir em nós um deslumbramento grato e afirmativo diante do estupendo mistério que é a existência”.

Para a história o mito era considerado como sinônimo de mentira, ilusão, algo que não merecia crédito nem se deveria dar muita importância; por esse motivo sempre foi colocado em oposição a ela. Essa ideia foi mais frequente a partir do século XIX com o advento do positivismo comtiano. Era preciso, para esse tipo de fazer historiográfico, afastar-se de tudo o que não pudesse ter caráter científico e os mitos se enquadravam nessa perspectiva. Dessa maneira os mitos foram relegados a um plano inferior de interpretação do mundo, porém, mesmo sofrendo esse rebaixamento em sua importância, ele continuou presente em diversas sociedades. Nos tempos atuais estudiosos sobre os mitos, como por exemplo, Joseph Campbell, são categóricos em afirmar que, mesmo na era em que a racionalidade impera, os mitos ainda fazem parte da nossa vida e que estes ainda retêm significados importantes para os relacionamentos humanos. Esses mitos podem estar presentes nas mais diferentes esferas da vida humana e exercem um poder (in) visível nas ações e pensamentos humanos.

Ao tratamos do cinema é possível considerar que ele seja uma dessas esferas onde os mitos possam fazer sentido no mundo contemporâneo, principalmente por ele trabalhar diretamente com aspectos da imaginação. Segundo Baudrillard (1991, p. 59), “num período de história violenta e atual (...) é o mito que invade o cinema como conteúdo imaginário. É

a idade de ouro das grandes ressurreições despóticas e lendárias. O mito, expulso do real pela violência da história, encontra refúgio no cinema”. Ou seja, a história empurrou durante muito tempo as narrativas míticas para um campo do saber muito distante do que pretendia a ciência e, assim sendo, fez com que eles fossem desconsiderados em suas análises historiográficas.

Em contrapartida, não somente retratando mitos já existentes, mas também construindo novos mitos e dotando-os de representação para a vida contemporânea, o cinema vem atuando de forma eficaz na construção de estereótipos e personagens que servem muitas vezes de exemplos, como é o caso das celebridades cinematográficas, como atores e atrizes, ou representantes da música e do esporte. Esses “mitos” modernos criados pelo cinema acabam tornando-se uma espécie de “heróis”, onde tomados como exemplos e modelos, têm seus penteados, roupas e trejeitos imitados pelo mundo inteiro. É o que Edgar Morin chama de homogeneização da “cultura de massa no século XX”, uma perceptível intenção da indústria cultural em homogeneizar tipos e histórias, para que a assimilação de um filme ou de uma história, por exemplo, se torne mais fácil nas diversas partes do mundo. Por ser um produto, a cultura de massa busca atingir o maior público possível, pautada na ideia mercadológica capitalista. É assim que os programas privilegiam conteúdos que atinjam mulheres (romances), homens (aventura) e crianças (humor). Com a expansão do mercado para além do território norte-americano, os filmes hollywoodianos passaram a contar com personagens estrangeiros, como chineses e latinos (MORIN, 1977, p. 44), numa tentativa clara de provocar uma identidade do espectador com o filme. Para esse autor,

essa variedade é, ao mesmo tempo, uma variedade sistematizada, homogeneizada, segundo as normas comuns. O estilo simples e claro [...] visa conferir-lhe uma inteligibilidade imediata – e essa universalidade oculta os mais diversos conteúdos. (MORIN, 1977, p. 35 e 36)

Desse modo, percebemos que no mundo atual os mitos continuam fazendo sentido e que o cinema ajuda a construir, através da narrativa cinematográfica, os mitos contemporâneos, configurando-se isso claramente numa necessidade cultural permanente em construir mitos. Nesse sentido, o cinema pode devido ao seu forte poder de persuasão, além de estimular a criação de ideias e opiniões, “legitimar seus estereótipos como ideais reinantes do comportamento *possível* no imaginário social (...)” (LOSSO, sd., p. 7). É possível, assim, estabelecer uma ligação muito forte entre a narrativa cinematográfica e sua influência no imaginário social, ou seja,

quanto mais o espectador se identifica com o personagem, ou a modelização ficcional em si, mais ele entrega sua percepção da realidade e recebe um imaginário diferente, um imaginário *outro*, que pode o enriquecer ou conflitar com seus valores e concepções íntimas – pode ameaçar o *seu modelo de realidade*³(LOSSO, sd., p. 1).

2 O cangaço em cena

*Contar histórias é sempre a arte de
contá-las de novo, que se vai perdendo
quando as histórias já não são retidas.*
Walter Benjamin

Em se tratando das narrativas produzidas pela cinematografia brasileira sobre o cangaço, fenômeno esse bastante narrado pela historiografia, observamos quase que de forma predominante nos filmes a existência de um caráter mítico atribuído aos cangaceiros em suas aventuras, vivências e histórias pelo sertão nordestino. Uma grande parte desses filmes teria se inspirado na literatura popular – literatura de cordel – para criar esses personagens e reproduzi-los nas telas de cinema. Mas, até que ponto podemos atribuir à arte cinematográfica a responsabilidade ou intencionalidade de mitificar pessoas ou acontecimentos? Seria possível o cinema transformar “bandidos da vida real” em “heróis” em apenas alguns minutos e essa transformação surtir algum efeito no imaginário de quem assiste? Embora não tenhamos respostas fechadas para essas questões pretendemos discuti-las a seguir, analisando como o cangaço foi retratado nas telas do cinema e, conseqüentemente, como se deu a construção da imagem do cangaceiro na narrativa cinematográfica.

2.1 Histórias Sobre o Cangaço no Sertão Nordeste

A época era o final do século XIX e o início do século XX. O lugar o sertão do nordeste brasileiro. Os protagonistas, homens sem rumo definido que andavam em bandos, todos munidos de armas e indumentárias que os caracterizavam de forma peculiar: vestiam-se com chapéus e peças de couro ou de tecido grosso para proteger dos espinhos. Calçavam alpercata (mais conhecidas como sandálias de amarrar), gostavam de lenços no pescoço, punhais compridos na cintura, cartucheiras no peito e bolsas usadas para transportar objetos

3 Grifos do autor.

pessoais. Seus chapéus eram de abas largas viradas para cima possuindo um formato de meia lua, o que mais tarde tornaria símbolo do cangaço. Esses homens, com estilo próprio de se vestir, ficaram conhecidos como cangaceiros⁴ e assombraram, durante décadas, fosse dia ou fosse noite, desde as grandes cidades até as mais remotas terras nordestinas.

Não demorou muito para que histórias surgissem sobre eles. Histórias nem sempre inventadas e, tampouco, nem sempre verdadeiras. Histórias que foram moldando-se ao imaginário coletivo e foram sendo passadas de geração em geração. Histórias quase sempre carregadas de narrativas de feitos maravilhosos, fugas espetaculares, dribles fantásticos em relação à famigerada morte e ao cerco das forças policiais conhecidas por *volantes*⁵, que sempre estavam à espreita desses personagens. Narrativas presentes em cantorias de viola, nas histórias contadas nos alpendres das casas, ou na literatura popular que deixavam alguns de seus interlocutores com a seguinte dúvida: isso realmente aconteceu? Do mesmo modo que deixavam alguns com dúvida, deixavam outros com a sensação de ali estar tomando conhecimento de fatos indubitavelmente verdadeiros.

Não é de se estranhar que a crença no que se falava e se ouvia sobre as histórias dos cangaceiros era muito mais forte do que as dúvidas que por ventura surgissem em relação à verdade dos fatos, já que estamos falando de uma região e uma época onde a instrução escolar atingia a poucos e onde o senso crítico praticamente inexistia. Poucos ou raros tinham a oportunidade de frequentar uma escola e conhecer “as letras”. Desse modo para grande parte da população do sertão do nordeste brasileiro o principal veículo de informação era mesmo o cordel, utilizado para

levar notícias para o povo, que se encarregava de disseminá-la em alpendres, durante as famosas retretas regionais em que se encontravam para conversas etc. Nessa época, o cangaço, por ser um assunto próximo, despertava o interesse dos espectadores, fazendo com que o caráter informacional dessa literatura tivesse sua efetivação. (SOUZA J.B., 2012, p. 58)

Oralidade, música e literatura popular: Foi, principalmente, através dessas três

4 Segundo alguns estudiosos, o termo “cangaço” pode ter se originado de várias expressões. Um delas diz que o nome originou-se do termo “canga”, em alusão a uma peça de madeira utilizada em pescoços de boi para transporte, pois os chamados **cangaceiros** tinham que carregar todos seus pertences junto ao corpo. Para um maior aprofundamento sobre o assunto, ver: PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

5 Tropas volantes eram “ajuntamentos policiais que permaneciam em constante movimento, seguindo a pista dos cangaceiros” (AMAURY; FERREIRA, 1997, p. 19)

vertentes que a história do cangaço passou a ser conhecida pelos rincões do nordeste brasileiro. Como dissemos, nem sempre essas narrativas preocupavam-se em estar consonantes com o que se conhece por “verdade histórica”. No entanto contribuiu para dar um “ar de veracidade” a alguns acontecimentos matérias publicadas em jornais que circulavam nas principais cidades da região e também por todo o Brasil. Essas notícias cuidavam de levar informações sobre o movimento do cangaço, contribuindo ainda mais para a propagação deste. Segundo Oliveira Júnior

analisar as representações dadas (...) pela imprensa são significativas para saber que o discurso jornalístico não era imparcial, pois (...) os discursos proferidos não são neutros, principalmente se as representações indicadas por eles, forem direcionadas por interesses de grupos que as forjam (OLIVEIRA JÚNIOR, 2008, p. 3)

Desse modo, apesar de termos a presença de alguns fatos retratados em publicações jornalísticas (consideradas por alguns, algo mais “próximo da realidade”), as narrativas populares é que tiveram mais espaço no processo de disseminação da história do cangaço. Assim, dadas essas observações iniciais, pretendemos discutir como a história do cangaço nasceu permeada por mitos e ficção, tendo contribuído para isso as narrativas presentes na cultura popular que, em um determinado momento, podem ter servido de fonte e até de pano de fundo para algumas produções cinematográficas produzidas sobre o tema.

No entanto o fato de a história do cangaço ter nascido desse modo não pode ser considerado um fato totalmente negativo. Segundo Nova, “seriam às obras de ficção que devemos, em grande parte, a ampliação de nosso horizonte de existência. Pois a poesia, por seus *mithos*, teria o poder de re-descrever o mundo”. (NOVA, 2009, p. 135). Isto é, apesar de ter nessas histórias contadas por cordelistas e repentistas um tanto de ficção, não podemos esquecer que a história, enquanto disciplina, mesmo pretendendo construir um discurso sobre a verdade ou de algo que existiu de verdade, nada mais é do que uma “construção”, ou mais uma versão sobre um determinado acontecimento.

Nesse sentido a história do cangaço nasceu permeada por controvérsias e apresentou versões variadas. Seja na história escrita, falada, na poesia ou no que se mostra nas telas de cinema há pouco consenso entre pesquisadores e historiadores sobre alguns dos acontecimentos ocorridos em tal época, o que nos faz pensar que, apesar de ser um tema muito debatido, as lacunas existem e provavelmente nunca se chegará a um entendimento ou conhecimento completo sobre o assunto. Estamos falando de história (e estórias) contadas e recontadas ao longo do tempo sobre uma determinada época e sobre um fenômeno único e exclusivo da história brasileira, que até hoje desperta curiosidade,

animosidades e paixões: o cangaço. É, portanto, compreensível que várias visões e interpretações surjam em relação a alguns acontecimentos, o que não chega, necessariamente, a ser considerado um problema, como já dissemos, em se tratando do contexto atual da historiografia. Entendemos, assim, que é perfeitamente justificável essas controvérsias presentes nos estudos sobre o cangaço, pois compreendemos que não se pode chegar a uma verdade única e inquestionável sobre alguns acontecimentos ocorridos no período. As verdades, as visões e as interpretações são múltiplas e, por serem assim, levantam questionamentos, debates e pesquisas constantes o que contribui grandemente para o enriquecimento da história do cangaço.

Podemos, então, dizer que a incorporação da literatura popular (cordel) nas pesquisas sobre o cangaço atende a essa nova abordagem de construção de um conhecimento histórico. Até bem pouco tempo atrás o cordel, enquanto fonte de saber era um elemento desconsiderado, pois não atendia às exigências cientificistas da academia. No entanto é cada vez mais crescente em nossos dias a presença de estudos sobre a literatura popular no meio acadêmico. Ou seja, “a 'descoberta' do cordel pelo meio acadêmico (...) decorre da percepção dos intelectuais acerca da força que essa modalidade literária detém na representação do imaginário” (SOUZA J.B., 2012, p.54). Porém, pelos métodos da historiografia tradicional o uso do cordel não seria permitido.

2.2 O Cangaço Ganha as Telas de Cinema

Partindo mais especificamente para o foco desse trabalho, que é analisar a construção da figura mítica do cangaceiro na narrativa cinematográfica, podemos entender que o cinema, enquanto um poderoso instrumento capaz de produzir narrativas, versões e visões sobre a existência humana, pode ter dado sua contribuição na construção da figura de um cangaceiro imbuído de arquétipos e, de certa forma, mitificado. Como afirma Santos,

entre invenções e reinvenções do nordeste, entre o mito e a realidade na história da região nordestina, cangaceiros e beatos criaram fatos, estórias e guerras que foram apropriadas por literatos e, não tardando, pelos cineastas. Se houve uma criação de um nordeste seco e miserável na literatura de autores como Raquel de Queiroz e José Lins Rego, essa linguagem acabou influenciando cineastas para denunciar o latifúndio e o abandono dessa região, além de legitimar o cangaço e o messianismo como “fenômenos” próprios do sertão nordestino. (SANTOS, 2010, p. 99)

Nesse sentido o cinema nacional, principalmente a partir da década de 1950, passou a interessar-se cada vez mais pela temática do cangaço. Porém, essa produção

começou no Brasil bem antes e também se estendeu por várias outras décadas, isto é, teve seu início a partir da década de 1920 e estendeu-se até a década de 1990. Observamos, dessa maneira, que as produções cinematográficas a respeito do cangaço são muitas e diversas. Em relação a essa quantidade Dídimo (2010, p. 29) nos informa que “até o momento, há cerca de 50 filmes sobre o assunto, entre curtas, médias e longas-metragens, documentários e ficções”, constituindo assim numa das principais manifestações artísticas que retratou o cangaço. Por outro lado Zanotti vem nos dizer que

O cinema se constituiu juntamente com a literatura de cordel como a principal manifestação artística que abordou a temática do cangaço. A sua importância é tamanha que (...) acabou por inaugurar um gênero, uma espécie da versão tropical do *western* americano, que ficou conhecido como *nordestern*. (ZANOTTI, 2012, p. 72)

Podemos perceber, assim, que o interesse pela temática foi bastante recorrente na história do cinema nacional. O sucesso que fizeram os primeiros filmes sobre o cangaço⁶, que por sua vez se baseavam do estilo cinematográfico norte-americano do *western*, contribuiu para que um número significativo de cineastas enveredasse para essa temática. Aliado a isso está

(...) a aceitação do público em relação a esse tipo de assunto [que] fez com que o cangaço se repetisse por várias e várias vezes no cinema nacional, o que acabou rendendo um grande número de filmes sobre o movimento, entre eles alguns de grande importância para a filmografia nacional. (ANDRADE, 2007, p.71)

Adentrando as telas de cinema a figura do cangaceiro popularizou-se ainda mais. Alguns filmes produzidos principalmente entre as décadas de 50 e 60 trazem uma figura do cangaceiro um tanto quanto heroicizada, porém, com uma carga emocional forte e um perfil violento. Além disso, alguns desses filmes tratam de enaltecer e retratar a “injustiça” sofrida pelo povo nordestino que passa a enxergar em cangaceiros, como Lampião, o herói destemido que desbravava o sertão nordestino e enfrentava com maestria as dificuldades de um lugar tão inóspito, mesmo sendo perseguido constantemente pelas forças policiais. A

⁶ Um dos primeiros filmes de grande sucesso entre o público foi “O Cangaceiro” de Lima Barreto, que inaugurou essa linha do *nordestern*. Esse filme, que foi produzido no ano de 1953, chegou a ganhar prêmios internacionais, como o Prêmio Internacional de Melhor Filme de Aventura, do Festival Internacional de Cannes, França.

maioria deles fala de uma forma geral sobre o cangaço, porém sua principal característica

estaria no fato de não tratarem do cangaceiro e sim na trajetória do herói, do mocinho e da mocinha. O problema estaria no personagem do herói, pois este, apesar de pertencer ao bando, não se sentia verdadeiramente um cangaceiro, tendo ingressado no grupo por circunstâncias diversas. (SANTOS, 2009, p. 1119)

Dessa maneira o cangaço é retratado em alguns filmes sem ter muito compromisso em mostrar uma “história real”. É recorrente, também, em diversas produções, o arquétipo do cangaceiro que nada mais é do que uma vítima do meio social em que vive, por isso está naquela situação. Santos ainda defende que

em todas as sociedades campestres existiu algum tipo de bandido social, que era protegido pela população local. Esses “heróis” acabaram se tornando mitos, e foram essas versões míticas que chegaram à literatura e ao cinema. Observando o início da década de 1960 e o grande debate em torno do futuro político do País, essas figuras míticas poderiam representar a busca pela liberdade, a denúncia do abandono do Estado à população campestre e até mesmo um projeto revolucionário em tempos de instabilidade política. (SANTOS, 2010, p. 100)

E assim várias narrativas foram sendo construídas ao longo do tempo sobre os cangaceiros. No cinema a saga do herói-cangaceiro foi, portanto, contada e recontada, contribuindo para enfatizar o lado heroico desse personagem que, apesar de viver em meio à violência e à perseguições de policiais, não é mostrado somente como um bandido que de fato foi, mas sim como um injustiçado pela sociedade. Entre eles está a figura de maior destaque no movimento do cangaço: Virgulino Ferreira da Silva – Lampião, considerado um mito por muitos, apenas um bandido por outros tantos. Essa figura controversa e cercada das mais diversas histórias é, até hoje, 75 anos após sua morte, alvo de muitas discussões e polêmicas. Não só ele mas como muitos outros cangaceiros ganharam essa conotação mítica por seus feitos nas respectivas épocas em que viveram. Podemos citar, como exemplo, os cangaceiros Cabeleira, Antônio Silvino e Jesuíno Brilhante, que também ganharam uma aura mitificada. Histórias e causos falavam sobre a vida desses cangaceiros e suas peripécias no sertão nordestino. Muitas dessas histórias versavam sobre a “personalidade macabra e violenta” dos cangaceiros, sobre suas vaidades e formas de lidar com as pessoas e, também, sobre os “poderes sobrenaturais” que talvez possuísem. Antônio Silvino, pernambucano que atuou no mundo cangaço entre os anos de 1896 e 1914, por exemplo, ficou conhecido por poupar “as mulheres de agressões físicas e sexuais, [ganhado] fama de bom ladrão, [e] tornando-se um mito” (SOUZA J.B., p. 65, 2012). Outro

cangaceiro que ganhou notoriedade na época em que atuou (1871-1879) foi o potiguar Jesuíno Brilhante que ganhou elogios a sua conduta moral, não só na literatura popular, mas também de estudiosos como Câmara Cascudo que, sobre ele, disse:

foi o cangaceiro gentil-homem, o bandoleiro romântico, espécie matuta de Robin Hood, adorado pela população pobre, defensor dos fracos, dos velhos oprimidos, das moças ultrajadas, das crianças agredidas (...) Baixo, espadaúdo, ruivo, de olhos azuis, meio fanhoso, ficava tartamudo quando zangado. Homem claro, desempenado, cavaleiro maravilhoso, atirador incomparável de pistola e clavinote, jogava bem a faca e sua força física garantia-lhe sucesso na hora do "corpo a corpo" (Cadernos Especias da Tribuna do Norte)

Vários olhares, múltiplas versões. Assim foi sendo construída a figura do cangaceiro: um ser com configurações “múltiplas” e que de forma quase épica conseguia viver peregrinando nas difíceis terras dos sertões nordestinos. Como nos diz Zanotti (2012, p. 36), “essa multiplicidade interpretativa, seja como herói, seja como bandido, se formou (sic) em torno da figura do cangaceiro um conjunto de atributos, tais como a valentia e a bravura, constituindo-se um verdadeiro mito tão celebrado pelos cantadores e poetas”.

3 Lampião, um mito?

Retratado em cordéis, livros, repentes, filmes e documentários Lampião, por exemplo, adquiriu, a cada versão, uma nova roupagem, um novo sentido. Foi vestido com a “indumentária” de bandido, herói, justiceiro, entre outras, nas várias versões que lhe deram. Em vida aterrorizou os sertões, mas, paradoxalmente, ganhou muitos admiradores por onde passou por ser um “cabra valente”⁷ e astuto. Por provocar tanta curiosidade, animosidade, encantamento e fugir de seu lugar comum, muitas narrativas surgiram em torno de sua figura. Narrativas essas que contribuíram grandemente para agregar um caráter mítico ao cangaceiro Lampião.

Mas o que faz de alguém um mito? Como pode Lampião, alguém que quebrou a ordem social e implantou medo e terror no nordeste durante quase duas décadas, ser considerado um mito? Segundo nos conta Eliade

o mito, em si mesmo, não é uma garantia de “bondade” nem de moral. Sua função consiste em revelar os modelos e fornecer assim uma significação ao Mundo e à existência humana. Daí seu imenso papel na constituição do homem. Graças ao mito, como já dissemos, despontam lentamente as

⁷ Expressão popular na região nordeste do Brasil, que significa “homem corajoso, destemido”.

ideias de *realidade*, de *valor*, de *transcendência*.⁸ (ELIADE, 1991, p. 128)

Lampião, de acordo com os relatos históricos, não foi um exemplo de “bondade”. É certo que, segundo as leis vigentes no país, ele enquadrava-se muito mais na imagem de “bandido”. Entretanto Lampião viveu em uma época e em um lugar onde o povo sofria com a crueldade da seca e com os mandos e desmandos de coronéis e políticos. Entretanto isso, por si só, não justificaria seus atos, nem tampouco o que se falava sobre ele.

Talvez esse povo que habitava as áridas terras nordestinas fosse carente de heróis e, possivelmente, teria encontrado no cangaceiro Lampião (e em outros cangaceiros) características que ele mesmo possuía, tais como bravura para enfrentar às adversidades da região e resistência para não sucumbir a essas mesmas adversidades. Assim sendo Lampião tornou-se um exemplo. Não um exemplo moral, mas um exemplo de autonomia em relação à lei, à polícia e à sociedade. Uma autonomia que talvez o povo nordestino aspirava para si e que, possivelmente, tenha-os feito admirar Virgulino Lampião como um verdadeiro “herói”. Nesse sentido Souza diz que

A análise das respostas de diferentes autores para a atribuição de um *valor positivo* à figura do cangaceiro permite-nos afirmar a presença de uma raiz de contestação, de negação ao que está estabelecido. O cangaço torna-se, assim, elemento de resistência ainda que marcada pela ausência de reflexão mais profunda e refinada da parte dos que a ele aderem ou manifestam simpatia: nega-se a partir de um sentimento difuso de injustiça, de descaso, de falta de perspectivas, ou mesmo de indistinção, de incapacidade em reconhecer quem é verdadeiramente o mocinho ou o vilão em uma situação em que o terror e a opressão constituem os únicos meios de administração dos conflitos, seja da parte dos poderes legalmente constituídos, seja por parte dos que se põe à margem da lei. (SOUZA J.B., 2012, p. 57)

Obviamente não estamos querendo criar algum tipo de generalização em relação a essa admiração do povo por Lampião, pois é certo que nem todos os nordestinos nutriam esse apreço pelo cangaceiro. Pelo contrário, da mesma forma que existiam os admiradores, existiam os que sentiam um verdadeiro pavor em relação a essa figura. Entretanto as façanhas narradas tanto por aqueles que o consideravam um herói, quanto por aqueles que o consideravam um bandido, contribuíram para mitificar essa personagem histórica. Zanotti afirma que

O processo de mitificação de Lampião no Brasil foi reforçado pela aparição do cangaceiro e seus feitos com uma frequência quase diária nas

⁸ Grifos do autor.

primeiras páginas dos principais jornais do país, no grande volume de folhetos de cordel publicados pelos cordelistas e também pela imensa admiração que a camada menos esclarecida do povo lhe prestava. (ZANOTTI, 2012, p. 37)

Lampião ganhou fama pois as notícias sobre seus feitos e façanhas percorreram todo o país. A repetição dessas narrativas, que ora se misturavam aos fatos históricos, ora ganhavam o campo da imaginação e, onde o mesmo elemento e estrutura – os feitos de Lampião – eram sempre retomados, ampliados e reatualizados, contribuíram na formação do mito em torno do homem. E, mesmo após a sua morte, essas narrativas permaneceram vivas e foram constantemente revisitadas e repaginadas.

Karlla Souza (2012, p.139) nos diz que na poesia “[algumas] personagens ganhavam tanto relevo em seus atos, posteriormente às suas mortes, que se tornavam criaturas com poderes sobrenaturais”. Ou seja, podemos aplicar esse pensamento ao próprio Lampião que, mesmo depois de morto, teve seus atos, verídicos ou não, rememorados e recontados de forma tão constante no seio da cultura popular que fez com que à sua história fossem agregados vários elementos que surgiram do poder criativo das gerações que o sucederam, como por exemplo, “poderes sobrenaturais” (pressentimentos ou “corpo-fechado” que as pessoas julgavam que Lampião possuísse...) que o protegiam do perigo constante em que vivia.

Considerações Finais

Como vimos vários elementos foram sendo incorporados na memória que foi sendo construída sobre Lampião e também sobre outros cangaceiros. Com o passar do tempo, a coletividade aceitou guardar essas informações e cuidou de repeti-las, referindo-se a elas em diversas manifestações artísticas. Podemos citar como exemplo dessas manifestações, como já foi mencionado anteriormente, a literatura de cordel, o cinema, o repente e a poesia, que tinham como mote de suas narrativas a vida no nordeste brasileiro. É bastante comum ver referências ao cangaço e a Lampião nessas modalidades artísticas quando estas tratam do nordestino.

Percebemos que essas modalidades e mais especificamente o cinema, que foi nosso objeto de estudo nesse trabalho, ao trazerem à tona eventualmente a temática do cangaço, reavivavam na memória a história de Lampião, de seu bando e de todas as narrativas sobre os cangaceiros presentes na cultura do povo nordestino, participando de forma significativa da construção imagética desses personagens no imaginário popular.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. J. P. de. **A Saga de Lampião pelos Caminhos Discursivos do Cinema Brasileiro**. João Pessoa: UFPB, 2007. 142 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2007.

BAUDRILLARD, J. **Simulacro e simulação**. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

CADERNOS Especiais da Tribuna do Norte. História do Rio Grande do Norte. Violência e Misticismo: **A arma era lei: O cangaceiro potiguar Jesuíno Brilhante**. Fascículo 9.

CAMPBELL, J. **Mito e transformação**. Tradução: Frederico N. Ramos. São Paulo: Editora Ágora, 2008.

_____. **O poder do Mito**: com Bill Moyers. Tradução: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Atenas, 1990.

ELIADE, M. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e Significado**. Tradução: Antônio Marques Bessa. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2007.

LOSSO, E. G. B. **Cinema: entre mito e realidade**. Artigo da Web. Disponível em: <http://www.eduardoguerreirolosso.com/cinema_mito_realidade.pdf> Acesso em: 15 jun 2013

MORIN, E. **Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. Vol. 1.

NOVA, C. Narrativas históricas e cinematográficas. In: NÓVOA, J; FRESSATO, S. B.; FEIGELSON, K. (org). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Salvador : EDUFBA ; São Paulo : Ed. da UNESP, 2009. p. 133 – 145.

OLIVEIRA JÚNIOR, R. J. F. de. **Um Cangaceiro na Detenção**: Representações da Imprensa Recifense (1914-1937). Trabalho apresentado no XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 2008.

PERICÁS, L. B. **Os cangaceiros**: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 11-63

SANTOS, C. L. **A disputa do imaginário**: as representações do cangaceiro no cinema nacional (1950). Londrina: II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2009. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Santos_Caroline%20Lima.pdf> Acesso em: Jun. 2013

_____. **Uma nova perspectiva de cangaço: o mito da guerrilha no Cinema Novo.** Revista de História, 2, 2 (2010), p. 93 – 110. Disponível em: < http://www.revistahistoria.ufba.br/2010_2/a06.pdf > Acesso em: Jun. 2013.

SOUZA, J. B. O cordel como gênero épico: a construção do herói popular - a saga de Lampião. In: MELO, M. C. do V. (org.). **Nos caminhos da literatura:** práticas literárias e culturais. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 53 -74.

SOUZA, K. C. A. A Poesia de Repente Improvisa o Passado: Memória, Identidade e Narrativa. In: ZUBEN, M. C. V et al. (orgs.). **Sujeitos, Saberes e Práticas Sociais.** Mossoró: Edições UERN, 2012. p. 137-158.

ZANOTTI, L. R. **A longa travessia de Lampião:** da Literatura de Cordel ao espetáculo teatral *Virgolino e Maria: Auto de Angicos*. Curitiba: UFPR, 2012. 204 p. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.